



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS DE INHUMAS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

RAFAEL RODRIGUES BARBOSA

A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E NA
PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE PROFESSORES E PROFESSORAS DO INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS (IFG) CÂMPUS
INHUMAS

Inhumas-GO
2023

RESUMO

A presente pesquisa tem o propósito de investigar a desigualdade de gênero na formação acadêmica e na produção científica de professores e professoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – (IFG) câmpus de Inhumas. Nesse sentido, este estudo indaga em sua problemática, como a desigualdade de gênero afeta no processo de formação acadêmica e na produção científica de professores e professoras do IFG câmpus Inhumas. Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é identificar e compreender como a desigualdade de gênero interfere no processo de formação acadêmica de professores e professoras, bem como suas produções científicas e sua participação em eventos científicos. Diante das grandes disparidades e desigualdades de gênero geradas pela cultura machista e patriarcal, nota-se uma (in)visibilidade e, por vezes, uma visão estereotipada da figura feminina no meio científico. Nesse sentido, considerando os questionamentos e apontamentos que permeiam as manifestações e produções científicas, justifica-se esta pesquisa, pela importância e necessidade em abordar as produções de autoria feminina, discutindo a interferência dos papéis sociais e culturais neste processo. Assim, a pesquisa dialoga com pensamentos e estudos de autores como Bourdieu (2002), Foucault (2009), Butler (2006) e Beauvoir (1996), os quais abordam questões que relacionam o campo do gênero ao campo educacional, apresentando subsídios para a reflexão acerca dos preconceitos e estereótipos que cercam o âmbito educacional bem como os profissionais que atuam na área. A pesquisa se caracteriza como uma investigação científica de caráter quanti-qualitativa, sendo um estudo descritivo e exploratório que se apoia em uma pesquisa documental. No que diz respeito a coleta de dados, foi realizada a partir do currículo Lattes dos professores efetivos do Instituto, os quais foram identificados a partir de uma lista disponibilizada pela própria instituição após solicitação, via e-mail, pelo professor e orientador Fernando. Vale destacar que, no quadro de docentes da instituição, foram totalizados 66 docentes, sendo 34 do sexo masculino e 32 do sexo feminino.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Desigualdade. Professores(as)

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o propósito de investigar a desigualdade de gênero na formação acadêmica e na produção científica de professores/as do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – (IFG) câmpus Inhumas, assim, propõe analisar o currículo Lattes dos docentes efetivos do IFG, campus Inhumas, a fim de observar a diferença na área formativa entre os professores e as professoras; bem como o quantitativo de produções científicas dos mesmos, além da participação destes em eventos científicos.

A saber, a desigualdade de gênero é um elemento que se encontra presente em nossa sociedade, e no meio científico é uma realidade presente em diversas regiões e países. Segundo relatório da Unesco (2019), as mulheres representam apenas 28% dos/as pesquisadores/as no mundo. No Brasil, as mulheres são maioria em algumas áreas do conhecimento, especialmente nas profissões que são socialmente identificadas como femininas.

Dessa maneira, a pesquisa dialoga com pensamentos e estudos de autores/as como Bourdieu (2002), Foucault (2009), Butler (2006) e Beauvoir (1996), os quais abordam questões que relacionam o campo do gênero ao campo educacional, apresentando subsídios para a reflexão acerca dos preconceitos e estereótipos que cercam o âmbito educacional bem como os profissionais que atuam na área.

Diversos são os preconceitos e estereótipos produzidos e reproduzidos diariamente pela sociedade, e grande parte destes estereótipos são legitimados e reproduzidos no campo científico. Partindo deste pressuposto, este estudo parte de reflexões acerca do processo de formação e produção científica de professores, pautado e relacionado com as questões de gênero.

Nessa perspectiva, diante das grandes disparidades e desigualdades de gênero geradas pela cultura machista e patriarcal, nota-se uma (in)visibilidade e, por vezes, uma visão estereotipada da figura feminina no meio científico. Nesse sentido, considerando os questionamentos e apontamentos que permeiam as manifestações e produções científicas, justifica-se esta pesquisa, pela importância e necessidade em abordar as produções de autoria feminina, discutindo a interferência dos papéis sociais e culturais neste processo tomando por base que ainda não fora feito um levantamento que compare essa desigualdade dentro dos Institutos Federal, bem como no IFG.

Com isso, a relevância desta pesquisa, encontra-se em compreender como ocorre o processo de formação acadêmica de professores e professoras bem como sua produção e

participação em eventos científicos, refletindo acerca da definição dos papéis sociais, e os obstáculos que se interpõem à afirmação da mulher no campo das Ciências.

Este estudo indaga em sua problemática, como a desigualdade de gênero afeta no processo de formação acadêmica e na produção científica de professores e professoras do IFG câmpus Inhumas. Posto isto, esta pesquisa busca estudar o contexto histórico de lutas e conquistas que vigoram o espaço formativo e as produções (e publicações) científicas, bem como a criação e o desenvolvimento de leis que asseguram o direito de todos.

Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é identificar e compreender a desigualdade de gênero no processo de formação acadêmica de professores e professoras, bem como suas produções científicas, tendo por base o IFG câmpus Inhumas. Especificamente, são objetivos deste trabalho: a) analisar a temporalidade e a área de formação dos professores e professoras do IFG câmpus Inhumas; b) identificar as diferenças no quantitativo de produções científicas entre professores e professoras do IFG câmpus Inhumas; e c) compreender a participação de professores e professoras em eventos científicos do IFG câmpus Inhumas.

Posto isso, o trabalho apresenta inicialmente uma breve contextualização acerca do desenvolvimento da construção, elaboração e produção científica. Posteriormente, aborda a temática com relação a legislação. Por fim, relaciona o campo científico com o campo do gênero com ênfase nos mitos, preconceitos e conquistas voltadas a situação. Posteriormente apresenta os resultados obtidos com a pesquisa e por fim tece-se algumas considerações finais acerca da temática abordada.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como uma investigação científica de caráter quanti-qualitativa, sendo um estudo descritivo e exploratório que se apoia em uma pesquisa documental.

Com isso, para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como procedimento metodológico, a pesquisa documental, a qual, de acordo com estudos de Fonseca (2002, p.32) “segue os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, em que utiliza fontes constituídas por material já elaborado, como livros e artigos científicos”. No entanto, como reitera o autor, “a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, como tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc” (FONSECA, 2002, p.32).

Busca-se com este estudo fazer um levantamento teórico para compreender todo o contexto que envolve os desafios enfrentados por docentes do gênero feminino quanto ao processo formativo e de produção científica frente as demandas e atividades externas a profissão, atividades estas, impostas pela sociedade à figura feminina pelo contexto da sociedade machista e patriarcal na qual estamos inseridos.

No que diz respeito a coleta de dados, foi realizada a partir do currículo Lattes dos professores/as efetivos/as do Instituto, os quais foram identificados a partir de uma lista disponibilizada pela Coordenação de Recursos Humanos e Assistência ao Servidor após solicitação, via *e-mail*, pelo professor e orientador Fernando Henrique Silva Carneiro – a lista foi disponibilizada no dia 19 de agosto de 2022. No que tange a coleta de dados, os currículos foram analisados dentre o período de 23 a 30 de agosto de 2022. Tendo as informações dispostas em uma planilha *Excel* para posteriormente tabular os dados. Vale destacar que, no quadro de docentes da instituição, foram totalizados 66 docentes, sendo 34 do sexo masculino e 32 do sexo feminino.

Assim, a pesquisa constituiu-se em três etapas, sendo elas:

- I. Na primeira etapa, ocorreu à análise das informações acerca do processo de formação acadêmica dos docentes, sendo destacado a área de formação, bem como o tempo desta formação; foi analisado o tempo que os docentes levaram para, desde o início da graduação obter até a titulação mais alta;
- II. Na segunda etapa, foi levantada as informações acerca das produções científicas, analisando o quantitativo de produções publicadas pelos docentes;
- III. A terceira etapa da pesquisa teve como foco analisar a participação destes docentes em eventos científicos.

Após o levantamento e coleta destes dados, os quais foram dispostos em planilhas do Excel, deu-se início a análise e discussão dos resultados, na qual, acentuam-se algumas considerações acerca da temática e problemática proposta, as quais apontam para a necessidade de alteração nos padrões estabelecidos pela sociedade que perpassaram toda a história, possibilitando uma libertação dos estereótipos e paradigmas que condicionam e privam mulheres e homens por conta do gênero e/ou sexualidade.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O CAMPO CIENTÍFICO E O PADRÃO QUE (IN)VISIBILIZA A MULHER

Sabe-se que por muito tempo, as mulheres foram excluídas de diversos segmentos sociais, e isto não foi diferente no campo científico e literário. De acordo com Esser (2014), a dominação masculina associada ao patriarcalismo foram responsáveis por inferiorizar a mulher por séculos, sufocando suas vozes por meio de violências físicas, morais e financeiras, como aponta Esser “as mulheres, de fato, nunca chegaram a ser senhoras de si. O mito da inferioridade física e mental foi, durante séculos, motivo de opressão por parte daqueles que usavam a força física e financeira para controlar a vida de milhares de mulheres” (ESSER, 2014, p. 2).

Historicamente, o homem sempre foi colocado em lugar de superioridade, enquanto à mulher restava o papel secundário, a qual era retratada sob uma visão preconceituosa e estereotipada, marcada pela delicadeza, fragilidade, beleza e dependência da figura masculina, sofrendo preconceito e discriminação por parte da sociedade patriarcal e capitalista, sendo grande parte deste preconceito fruto das ideias, pensamentos e textos que estereotipavam a figura feminina, pois como afirmou Beauvoir (1967, p. 9) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, com isso, percebe-se que as crianças eram educadas sob estas distinções, a mulher era ensinada a ser submissa ao homem.

Beauvoir (1970), questiona sobre o papel da mulher na sociedade a partir dos mitos impregnados, nas palavras da autora:

O mito da mulher desempenha um papel considerável na Literatura; mas que importância tem na vida quotidiana? Em que medida afeta os costumes e as condutas individuais? Para responder a essas perguntas seria necessário determinar as relações que mantém com a realidade” (BEAUVOIR, 1970, p. 299).

Assim, tanto a identidade masculina quanto a feminina, são moldadas cultural e socialmente, e representadas a partir do poder de opressão e dominação resultante do patriarcado, que os distingue pelas diferenças entre sexo ou gênero, pois como versa Butler (2003):

Explicar as categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo como afeitos de uma formação específica de poder supõe uma forma de investigação crítica, a qual, Foucault, reformulando Nietzsche, chamou de “genealogia”. A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de

identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. (BUTLER, 2013, p. 9)

Nesse sentido, a posição que a mulher ocupa na sociedade, é fruto das concepções históricas e sociais presentes na época em que se encontra inserida. A autora reitera que “compreender como a categoria das mulheres, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação” (BUTLER, 2013, p. 19), assim, além de identificar estas diferenças, é preciso analisar e compreender como elas impactam e interferem na sociedade.

A história da mulher no Brasil é complexa, pensamentos, ideias e posicionamentos do patriarcalismo exacerbado por muito tempo determinaram a imagem da mulher na sociedade. Foram necessárias diversas lutas dos mais diversos movimentos sociais para romper com o tradicionalismo presente na sociedade.

Como aponta Mary del Priori (2012), a figura da mulher começou a emergir no seio da sociedade com o surgimento de movimentos como o feminismo, o sufragismo, e outros, no qual, a mulher começou a (re)afirmar seu papel e valor social, que por muito tempo, esteve marginalizado, oprimido e inferiorizado. Segundo Priori (2012)

No século XIX, recuperou-se uma imagem mais nítida das mulheres através de diários, fotos, cartas, testamentos, relatórios médicos e policiais, jornais e pinturas. No século XX elas ganharam visibilidade por meio de livros e manifestos de sua própria autoria, da mídia cada vez mais presente, dos sindicatos e dos movimentos sociais dos quais participam, das revistas que lhes são diretamente dirigidas, dos números com que são recenseadas. (PRIORE, 2012, p. 8)

Assim, nota-se que a mulher sempre foi retratada a partir do ponto de vista masculino, e na literatura e no meio científico acontecia o mesmo, não havia lugar para a mulher enquanto escritora nem mesmo como propulsora da ação; o reconhecimento histórico da humanidade estava restrito a supremacia masculina.

A inserção da mulher no seio acadêmico/científico transformou a visão social da mulher tanto como escritora, quanto personagem. Antes representadas como frágeis, ingênuas, delicadas e inocentes, assumem e dividem cenário com personagens que interferem e influenciam o campo social cotidiano.

Nesse viés, nota-se que este preconceito que cerca a criação e produção feminina é resultado de uma resistência arraigada social e culturalmente na história da sociedade, que imbuída em conceitos e pensamentos machistas e patriarcais, considera as mulheres como sujeitos inferiores.

Apesar das mudanças e das conquistas, a sociedade do século XXI mantém, legítima, produz e reproduz estigmas e preconceitos que (in)visibilizam as mulheres do processo social, pois como afirma Lobo (2007) a “mulher, em nosso século, ainda ter de lutar contra uma série de dificuldades para superar preconceitos, afirmar-se intelectualmente e competir com o escritor do sexo masculino” (LOBO, 2007, p. 36).

3.2. GÊNERO, EDUCAÇÃO E DESIGUALDADES

Antes de abordar as questões propriamente ligadas ao gênero e a educação, faz-se necessário definir o conceito adotado para gênero, nesta perspectiva temos que, gênero refere-se à construção social do indivíduo, ou seja, não é algo pronto e definido, diferentemente do que se é entendido por sexo, que está relacionado a fatores biológicos, tornando-o natural e determinado.

Nesse entendimento, como Butler (2003) salienta, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...]; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2003, p. 25). Assim, o conceito de gênero, como destaca a filósofa, está legitimado à cultura, ao discurso que inscreve o sexo e diferenças sexuais fora do campo social, não é algo pensável; o gênero “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 59).

Visto isso, é entendido que as discussões acerca do tema gênero e sexualidade precisam ser problematizadas, tanto para abolir a dicotomia entre mulher/homem, quanto para romper as desigualdades e os paradigmas que foram impostos à sociedade no decorrer da história.

Segundo Bourdieu (2002), as discussões acerca de sexualidade e gênero perpassam o reducionismo dicotomizante entre natureza vs cultura por meio da afirmação da dominação masculina, interligada a historicidade da compreensão binária do sexo.

Com isso, faz-se necessário desnaturalizar estes preconceitos e estereótipos que se encontram presos, arraigados social e culturalmente, e que nos inscreve desde cedo seus valores, prioridades, pensamentos e condutas, pois, como argumenta Candau (2012):

Estamos como educadores e educadoras desafiados/as a promover processos de desconstrução e de desnaturalização de preconceitos e discriminações que impregnam, muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil, as relações sociais e educacionais que configuram os contextos em que vivemos. A naturalização é um componente que faz em grande parte invisível e especialmente complexa esta problemática, que invade e povoa nossos imaginários individuais e sociais em relação aos diferentes grupos socioculturais. Trata-se de questionar esta realidade. Também é fundamental desvelar e questionar os sentidos de igualdade e diferença que permeiam os discursos educativos. Outro aspecto imprescindível é problematizar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e impregnam os currículos escolares. Perguntar-nos pelos critérios utilizados para selecionar e justificar os conteúdos escolares. Desestabilizar a pretensa “universalidade” dos conhecimentos, valores e práticas que configuram as ações educativas e promover o diálogo entre diversos conhecimentos e saberes. Estamos desafiados também a reconhecer e valorizar as diferenças culturais, os diversos saberes e práticas, e a afirmar sua relação com o direito à educação de todos (CANDAU, 2012, p. 246).

O filósofo Pierre Bourdieu (1970) questiona que o funcionamento do sistema educacional em vez de exercer a função de transformar, acaba reproduzindo e/ou reforçando as desigualdades sociais, portanto, essa reprodução se torna um elemento importante para a perpetuação do processo de dominação existente.

E esta desigualdade também se faz presente no meio científico, no que diz respeito as produções femininas, nota-se que estas desigualdades foram naturalizadas. Sabe-se que a escola exerce influência sobre a sociedade e vice-versa, então, por meio da escola, é possível obter uma mudança na sociedade para com as questões referentes a gênero. E assim, findar ou ao menos, minimizar a naturalização dos preconceitos, pois como Ferreira (2006) afirma:

A escola produz e reproduz conteúdos e identidades culturais. Reproduz porque faz parte da sociedade, participa das representações que, nela, circulam. A escola também é produtora de cultura, por ser um microcosmo com capacidade de elaboração de práticas particulares, conforme as circunstâncias e os indivíduos que nela convivem. (FERREIRA, 2006, p.65)

Estamos inseridos em uma sociedade machista e patriarcal, que ainda divide e determina pensamentos e comportamentos a serem realizados pelos indivíduos, divisão essa, que é pautada nas concepções de gênero que se desenvolvem de forma equivocada.

Partindo desse pressuposto, é preciso buscar maneiras de reduzir estes preconceitos que afetam tanto homens quanto mulheres, pois, como salienta Bourdieu (2002): O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, a sua virilidade [...].

4. RESULTADOS

Como já mencionado, foram coletadas algumas informações a partir do currículo Lattes dos docentes efetivos do IFG Inhumas, e neste tópico serão apresentados os resultados deste levantamento, analisando-os e discutindo com alguns autores acerca das informações.

Antes de seguir para a análise dos dados, vale destacar que a pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Goiás Câmpus de Inhumas, o qual encontra-se localizado no endereço Av. Universitária, s/nº, Vale das Goiabeiras, Inhumas-GO - CEP: 75400-000, e de acordo com informações disponibilizadas no site da instituição, fora criado em 2007. O campus oferece cursos nos eixos tecnológicos de Produção Alimentícia, Informação e Comunicação, e Controle e Processos Industriais, além de cursos de graduação nas áreas das Ciências Agrárias e das Ciências Exatas e da Terra.

Dentre o quadro de docentes efetivos na instituição, no momento da pesquisa, o campus contava com o quantitativo de 66 docentes efetivos, sendo, deste número o total de 34 docentes do sexo masculino e 32 do sexo feminino.

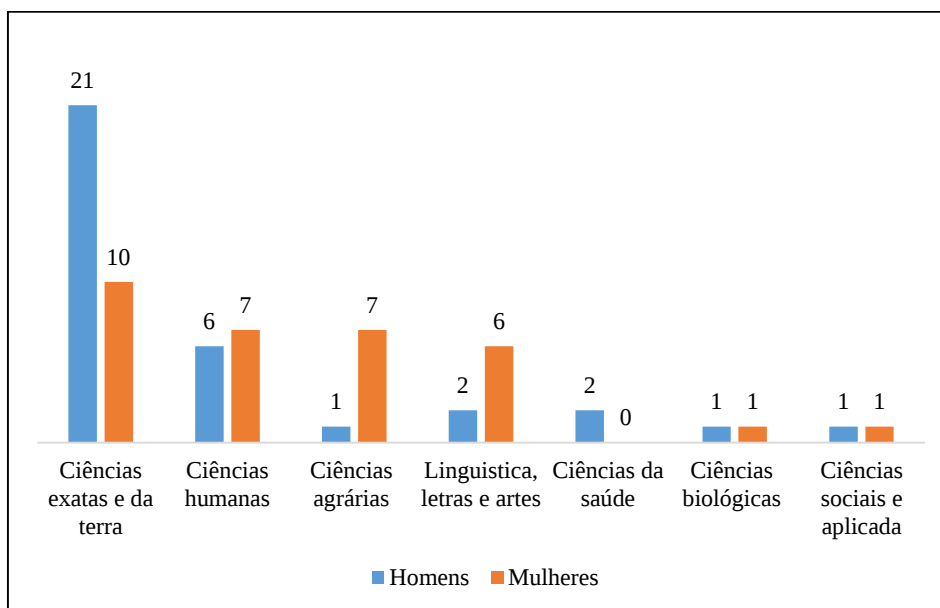
Nesta perspectiva, partindo para a análise dos dados, os primeiros dados a serem discutidos dizem respeito a área de formação dos docentes bem como a temporalidade dos mesmos.

Vale destacar que, segundo dados do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos - CGEE, o número de mulheres com titulação em grau de doutorado vem crescendo nas últimas décadas, alcançado 54,4% dos titulados no ano de 2017 (CGEE, 2019). Representando assim uma mudança significativa na sociedade, tendo em vista que os homens, na maioria dos casos, assumem maior predominância nos cargos e/ou postos mais elevados. Nessa ótica, evidencia-se a predominância de mulheres entre os titulados nos programas de doutorado nas últimas décadas, como apontam os dados do CGEE “entre os titulados em programas de mestrado nos anos mais recentes, o número de mulheres foi cerca de 25% maior do que o de homens. Nos programas de doutorado, o número de mulheres foi cerca de 19% maior” (CGEE, 2019).

Particularmente, o interesse aqui é em examinar se existe uma divisão e/ou relação entre o gênero e a área do conhecimento de formação destes profissionais; bem como, se há algum padrão ou disparidade em questão de temporalidade para aquisição da titulação doutor (a), ou seja, interessa analisar a forma que as questões/relações de gênero interferem na construção e estruturação da profissionalização docente.

Nesse sentido, ainda seguindo dados do CGEE (2019) “as mulheres passaram a ser maioria entre mestres e doutores titulados na grande área do conhecimento das Ciências Agrárias, [...] e diminuíram sua participação nas Ciências Exatas e da Terra”. Dados estes que são corroborados pela pesquisa desenvolvida neste trabalho, a qual apresentou como dados os seguintes resultados informados na Figura 1.

Figura 1: Comparação da área de formação inicial dos professores e das professoras do IFG câmpus Inhumas



Fonte: Coleta em Currículo Plataforma Lattes, 2022. Elaborado pelo autor.

Nota-se uma expansão da participação feminina em algumas áreas de conhecimento, especialmente nas quais possuíam pouca presença e/ou espaço. Todavia, ainda existe uma grande disparidade na presença feminina na área das ciências exatas e da terra, a qual segue com predominância majoritariamente masculina.

Percebe-se uma maior concentração feminina nas áreas de Linguística, Letras e Artes, e Ciências Humanas, o que remete ao processo histórico de institucionalização no país, uma vez que, os cursos nas áreas de exatas e tecnologias são menos feminizadas, enquanto as ciências humanas e linguística são mais femininas/feminizadas.

E isso pode se justificar devido à proximidade/relação dos cursos com a docência, uma vez que, como aponta Hilda Micarello, “[...]as mulheres encontraram no magistério uma alternativa possível para o ingresso no espaço público e a conquista de alguma independência.” (MICARELLO, 2011, p. 215). O que se evidencia com os dados do CGEE:

No caso da grande área de linguística, letras e artes, na qual as mulheres tinham participação elevadíssima entre os titulados no ano de 1996 (70%), houve redução de tal participação no período sob análise. Por outro lado, na grande área das ciências exatas e da terra, na qual as mulheres tinham uma das mais reduzidas participações entre os titulados em programas de mestrado e doutorado no ano de 1996, tais participações ficaram ainda menores no ano de 2017. (CGEE, 2019)

Assim, além de serem minoria dentro o quadro de profissionais da instituição, percebe-se a presença de uma leve diferença na concentração por área de conhecimento, apesar de, nas últimas décadas essa divisão estar sendo reduzida, como demonstrado pelos dados do CGEE.

Sobre essa distribuição, cabe salientar que, os dados obtidos mostraram uma concentração de docentes do sexo feminino em determinadas áreas, enquanto os docentes do sexo masculino permeiam os diferentes cursos, embora também haja uma presença tímida destes em algumas áreas, o que pode ser justificado a partir das ideias do filósofo Bourdieu, o qual diz que:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, a sua virilidade [...]. A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão para o combate e para o exercício da violência [...], é acima de tudo, uma carga. [...] o homem verdadeiramente homem é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública. (BOURDIEU, 2002, p. 64, grifos do autor)

Nessa linha, observa-se que ao apontar determinada área como feminizada, afeta tanto as mulheres quanto os homens, e essa concepção perpassa o seio acadêmico e é refletido na sociedade, de modo geral, desvelando que a ciência, assim como apontou Japiassu (1991), tem se constituído e apresentado machista no decorrer da história.

Considerando esse contexto histórico-social, ainda segundo o referido autor, em sua obra *As paixões da ciência*, ele destaca o interesse do homem em utilizar da ciência para atender suas paixões, o qual aponta que, para satisfazer seu desejo de dominação e segurança no mundo, o homem se faz da cultura tecno-científica para explicar e justificar o racismo e o machismo. Justificou-se que a mulher e o negro eram inferiores devido à proximidade com a natureza e por sua sensualidade.

Estes aspectos prevalecem até os dias atuais, tanto o racismo quanto o machismo se encontram presentes na cultura deste século. A luz desse contexto, tendo em vista o pensamento de Morin (1977), sobre a cultura de massa nesse século, aponta que a mulher ocupa diferentes

papéis sociais na sociedade. Nesse sentido, essa cultura se dá, visando o desenvolvimento do sistema capitalista, no qual as atitudes das pessoas têm interesse em lucro.

Assim, além da rotina de trabalho remunerado, à mulher ainda é incumbido os trabalhos domésticos, partindo desse pressuposto, incide a análise do aspecto seguinte da pesquisa, que diz respeito a temporalidade para formação acadêmica destes profissionais.

Segundo dados do CGEE (2019) “as médias de idade na qual mestres e doutores obtiveram seus títulos em 2017, respectivamente 33 e 39 anos”, ou seja, estes profissionais atingiram, em média, o título de mestrado aos 33 anos e o título de doutorado aos 39 anos.

Como mencionado anteriormente, os dados levantados com a pesquisa evidenciam uma maior presença de profissionais do sexo masculino, os quais também atingiram maiores titulações em faixas de tempo menores que as docentes do sexo feminino. Assim, embora as mulheres sejam maioria entre os titulados, elas levam um período maior de tempo, como exposto na Tabela 1.

Tabela 1: Comparação da temporalidade entre o início da graduação até a conclusão do nível/grau mais alto de formação acadêmica dos professores e professoras do IFG câmpus Inhumas

Grau	Mestrado		Doutorado		PhD	
Período	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Até 10 anos	22	18	1	2		
11 a 15	6	7	11	9	2	1
16 a 20	3	4	5	2	1	
21 a 25			1	4		
26 a 30				1		
Mais de 30			1	1	1	
Total	31	29	19	19	4	1

Fonte: Coleta em Currículo Plataforma Lattes, 2022. Elaborado pelo autor.

Evidentemente, pesquisar e analisar as carreiras de professores de uma instituição de ensino pública brasileira significa estudar um espaço onde o profissional tem autonomia. As decisões não são imputadas por administradores. São os próprios professores que tomam as decisões, incluindo a progressão na carreira.

Embora não seja possível supor as decisões, o viés de gênero não pode ser desconsiderado, tendo em vista o processo histórico-socio-cultural no qual estamos inseridos e no qual o processo de institucionalização se construiu.

Embora ocorra um grau razoável de igualdade quando se examina a situação do conjunto de professores do Instituto Federal câmpus Inhumas, sabe-se que em outras regiões e/ou instituições esta disparidade é mais latente.

Nesse contexto, vale relembrar a obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, a qual questiona os papéis que a mulher ocupa como um sujeito que se torna mulher, ou seja, como ser que é construído historicamente. Morin (1997) reitera que a sociedade de massa, devido a seu tom romanceado, estabelece uma “imprensa feminina”, visto que a mulher aparece como um produto relacionado a sua sexualidade.

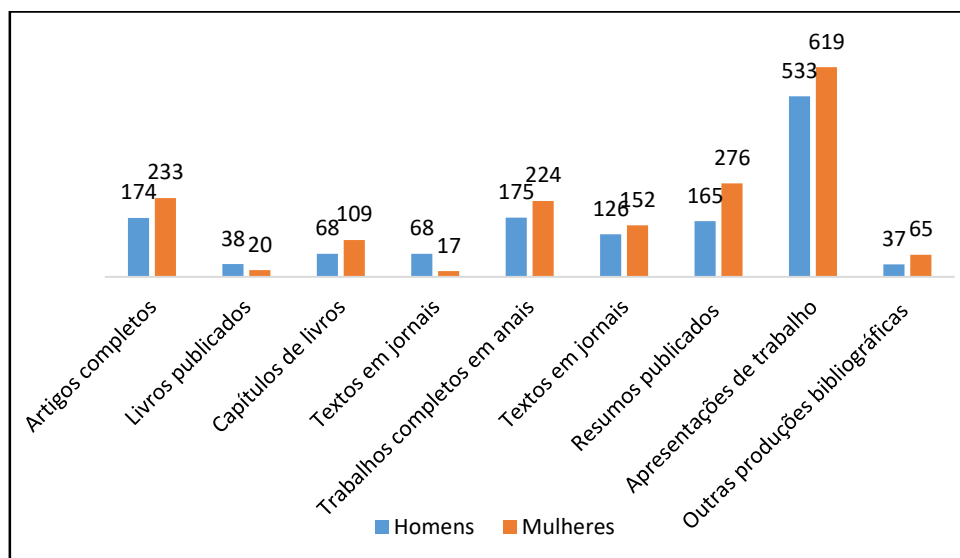
E isto é refletido nas produções e publicações científicas, tendo em vista que, é colocado para a mulher, desde criança, que deve ocupar lugar de submissão ao masculino. Com isso, a mulher configura-se como vítima de um novo preconceito, o relacionado a sua escrita, que sempre é comparada e rebaixada diante a escrita masculina, pois como argumenta Colasanti:

Ainda hoje um preconceito pesado tende a colorir de rosa qualquer obra de literatura feminina [...] O preconceito perdura. Pesquisas mostram que basta a palavra mulher em um título para espantar os leitores homens e abrandar o entusiasmo dos críticos. E embora não precisemos mais nos esconder atrás de pseudônimos masculinos, como no século XIX, sabemos que leitores abordam um livro de maneira diferente quando ele é escrito por uma mulher ou por um homem. (COLASANTI, 1997, p.37)

Assim, tendo em vista os aspectos da cultura machista e patriarcal que imputa as mulheres as obrigações para com os afazeres domésticos, que os dados a seguir foram observados. No intuito de identificar se essa dupla e as vezes tripla jornada de trabalho interfere no tempo de produção científica e participação destes sujeitos em eventos científicos.

Nessa ótica, o gráfico a seguir mostra as informações coletadas acerca da produção científica dos professores e professoras, considerando todas as publicações dispostas na Plataforma Lattes dos mesmos, sem aplicar recorte temporal.

Figura 2: Comparação da quantidade de produções científicas dos professores e das professoras do IFG câmpus Inhumas



Fonte: Coleta em Currículo Plataforma Lattes, 2022. Elaborado pelo autor.

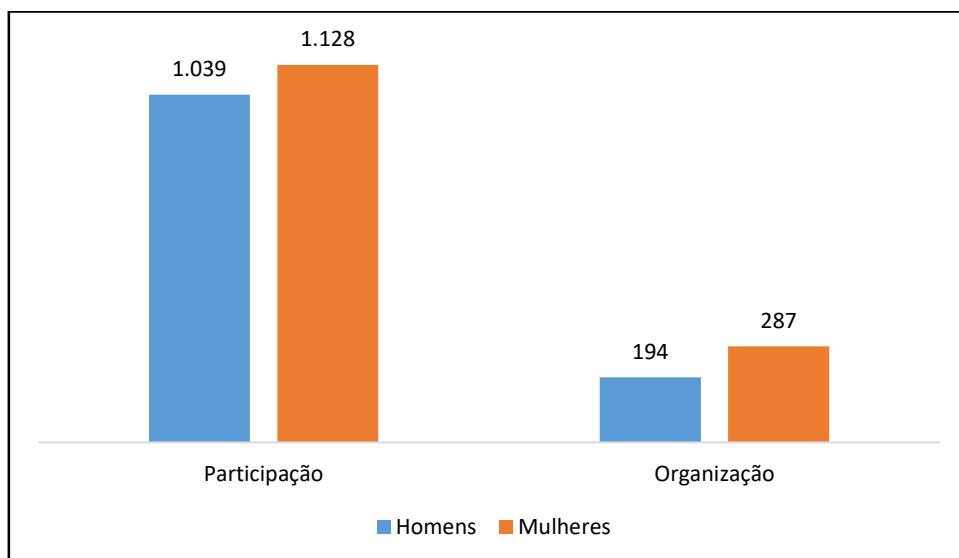
Posto isso, nota-se que dentre os docentes do IFG Inhumas, as mulheres apresentam, majoritariamente, em todos os campos, maiores números de produções que os docentes do sexo masculino. Somente nos campos ‘livros publicados’ e ‘textos em jornais’ que os homens possuem número maior de publicações em comparação as mulheres. Mas vale salientar que essa diferença não é em grande proporção, como pode ser visto na Figura 2.

Outro aspecto a ser destacado é o campo que têm maior incidência de produção, sendo assim, os campos ‘Apresentações de Trabalho’ seguido por ‘Resumos Publicados’ são os que apresentam maiores publicações tanto para os homens quanto para as mulheres.

Isso representa um grande avanço no campo da produção científica, uma vez que, como visto, o campo das produções, historicamente, se constituiu e foi dominado pelos homens, tanto quanto autores quanto sujeitos nas histórias (personagens). Assim, como apontado pelo CGEE, houve um aumento no quantitativo de mulheres com titulação de mestrado e doutorado, e este avanço pode ser percebido também no que diz respeito ao campo das produções.

No mesmo sentido, reafirmando esse avanço, o gráfico a seguir apresenta os dados referentes a participação destes profissionais em eventos científicos.

Figura 3: Comparação da quantidade de participação e organização de eventos científicos dos professores e das professoras do IFG câmpus Inhumas



Fonte: Coleta em Currículo Plataforma Lattes, 2022. Elaborado pelo autor.

Compreende-se assim, que as mulheres vêm ocupando espaço de destaque em ambientes que, antes eram dominados por homens. Nota-se que as tentativas de legitimar a submissão feminina vêm sendo superadas, em especial, por essa difusão da ciência, ainda por cima ciência de produção e autoria feminina.

Resumidamente, as mulheres ficaram em plano secundário no que tange o meio acadêmico em decorrência da cultura machista e patriarcal que se constituiu o seio científico, assim:

São inúmeras as tentativas de explicar a estrutura patriarcal presente na sociedade mundial como uma forma de justificar a dominação masculina. Ocorre que, independentemente de haver ou não uma resposta para tal contexto, não se pode desconsiderar que o resultado dessa cultura hegemonicamente sexista se encontra presente no ordenamento jurídico brasileiro, como uma forma de estímulo da legitimação da violência contra a mulher. (LEAL, PEPINO, 2022, p. 200)

Todavia, percebe-se que esta disparidade vem sendo desconstruída nas últimas décadas. Como elucidado acima, aos poucos tem se desmistificado e descartado o pensamento equivocado de desqualifica(va) as produções de autoria feminina.

Mas compreende-se que muito ainda precisa mudar, pois, “quando o contexto social é considerado, não há como não observar a situação de desigualdade da mulher” (LEAL, PEPINO, 2022, p. 210).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o propósito de investigar a desigualdade de gênero na formação acadêmica e na produção científica de professores e professoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – (IFG) câmpus Inhumas.

Pautado na perspectiva do gênero, esta pesquisa indagou em sua problemática, como a desigualdade de gênero afeta no processo de formação acadêmica e na produção científica de professores e professoras do IFG câmpus Inhumas.

Identificou-se que por muito tempo, as mulheres foram excluídas de diversos segmentos sociais, e isto não foi diferente no campo científico, isso porque a dominação masculina associada ao patriarcalismo foram responsáveis por inferiorizar a mulher por séculos, sufocando suas vozes por meio de violências físicas, morais e financeiras. Nessa perspectiva, nota-se um padrão que invisibiliza a mulher no seio social e científico, o que afeta e por vezes interfere em seu processo formativo e/ou produtivo.

Sabe-se que a figura da mulher começou a emergir no seio da sociedade com o surgimento de movimentos como o feminismo, o sufragismo, e outros, no qual, a mulher começou a (re)afirmar seu papel e valor social, que por muito tempo, esteve marginalizado, oprimido e inferiorizado.

Resumidamente, as mulheres ficaram em plano secundário no que tange o meio acadêmico em decorrência da cultura machista e patriarcal que se constituiu o seio científico, assim:

São inúmeras as tentativas de explicar a estrutura patriarcal presente na sociedade mundial como uma forma de justificar a dominação masculina. Ocorre que, independentemente de haver ou não uma resposta para tal contexto, não se pode desconsiderar que o resultado dessa cultura hegemonicamente sexista se encontra presente no ordenamento jurídico brasileiro, como uma forma de estímulo da legitimação da violência contra a mulher. (LEAL, PEPINO, 2022, p. 200)

Todavia, percebe-se que esta disparidade vem sendo desconstruída nas últimas décadas. Como elucidado acima, aos poucos tem se desmistificado e descartado o pensamento equivocado de desqualifica(va) as produções de autoria feminina. Portanto, percebe-se que, embora o número de mulheres pesquisadoras científicas venha crescendo nos últimos anos, as desigualdades de gênero ainda persistem. E estas desigualdades encontram-se visíveis em

aspectos como: as mulheres concentram-se mais em algumas áreas de conhecimento; são minoria na ciência mundial; fora a invisibilidade de mulheres negras e indígenas.

Apesar das mudanças e das conquistas, a sociedade do século XXI mantém, legítima, produz e reproduz estigmas e preconceitos que (in)visibilizam as mulheres do processo social, pois como afirma Lobo (2007) a “mulher, em nosso século, ainda ter de lutar contra uma série de dificuldades para superar preconceitos, afirmar-se intelectualmente e competir com o escritor do sexo masculino” (LOBO, 2007, p. 36).

Assim, espera-se não concluir e/ou findar esta discussão, haja vista que, o processo educacional foi e, é constituído por mudanças, mas sim, que emergjam novas abordagens e discussões acerca da temática, propiciando as devidas alterações no campo científico/acadêmico.

REFERENCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 2º Ed. São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A Dominação Masculina** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner – 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa, 1970.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 6º Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos**. Rev. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 24 de abril de 2021.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação em direitos humanos: principais desafios**. Rio de Janeiro: mimeo, 2005.

CGEE (Centro de Gestão e Estudos Estratégicos). 2019, **Brasil: Mestres e Doutores 2019**. Brasília, 2019.

ESSER, Débora Cristina. **Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória**. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – Nº 30. 2014.

FERNANDES, Camila de Souza. **Literatura e identidade: a recepção do texto literário na Penitenciária Estadual de Maringá**. Maringá, 2009. 115 f.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: A vontade de saber 1**. 13ª edição. Ed. Digital Source. Rio de Janeiro, 1999.

GOIAS, Instituto Federal de. **Apresentação câmpus Inhumas**. Goiás – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Acesso em 22 de set. Disponível em <<https://www.ifg.edu.br/campus?showall=&start=8>>

LEAL, Raniella Ferreira; PEPINO, Emanuel José Lopes. **A imperceptível violência contra a mulher na cultura popular**. 2022. In: *Gênero em disputa na educação: a falácia da ideologia de gênero*. Organizadoras: Elda Alvarenga, Erineusa Maria da Silva, Lílian Cristiane Moreira. 1.ed. – Curitiba: Brazil Publishing, 2022. [recurso eletrônico]

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: RJ: Editora Garamond, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Women in Science**. Paris: Unesco; Institute for Statistics; 2019. [Acesso em set de 2023]. Disponível em: »<http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/fs55-women-in-science-2019-en.pdf>

PRIORE, Mary Del. **História da Mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2012.

SHARPE, Peggy. **Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1997.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses**. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008.